

---

## *Filosofia da Educação e Paciência do conceito\**

Sílvio Gallo \*\*

*“Sempre que se está numa época pobre, a filosofia se refugia na reflexão ‘sobre’... Se ela mesma nada cria, o que poderia fazer, senão refletir sobre? Então reflete sobre o eterno, ou sobre o histórico, mas já não consegue ela própria fazer o movimento. De fato, o que importa é retirar do filósofo o direito à reflexão ‘sobre’. O filósofo é criador, ele não é reflexivo”.*

(Gilles Deleuze, **Conversações**)

Trata-se aqui, uma vez mais, de pensar e discutir sobre a identidade (ou identidades) e o sentido (ou sentidos) da Filosofia da Educação. Nada mais filosófico, posto que se interrogar sobre si mesma, buscando produzir sentido(s) para suas atividades, é o que a filosofia faz desde suas origens, e nunca cessou de fazê-lo.

---

\* Uma primeira versão deste texto, com o título *Filosofia e Educação: pistas para um diálogo transversal*, foi publicada em KOHAN, Walter (org.). **Ensino de Filosofia – perspectivas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Para a presente versão, partes foram suprimidas, outras foram acrescentadas.

\*\* Graduado em Filosofia. Mestre e Doutor em Filosofia da Educação. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Brasil.  
Correspondência: E-mail: sdogallo@unimep.br

No Brasil, a Filosofia da Educação constituiu-se como uma disciplina da área dos chamados “fundamentos da educação”, nos cursos de Pedagogia e nos demais cursos de formação de professores para as diversas áreas do saber. Com a abertura dos primeiros cursos de pós-graduação em Educação, logo no início da década de setenta do século passado, a Filosofia da Educação constituiu-se como uma das mais importantes áreas de concentração de pesquisa e produção.

Desde os anos noventa, porém, começamos a ver instalar-se, no âmbito da Filosofia da Educação no Brasil, uma crise. A reformulação de cursos de Pedagogia e de formação de professores têm excluído ou ao menos reduzido drasticamente a carga horária da disciplina; a maioria dos programas de pós-graduação em Educação do país já não apresentam a Filosofia da Educação como uma de suas áreas de concentração; a fértil produção de livros e artigos a que assistimos nos anos setenta e oitenta, sobretudo em torno de concepções críticas de educação, perdeu vigor.

Penso, pois, que o momento é mais do que propício para que (re) pensemos a Filosofia da Educação. Dizendo de outro modo, para que tornemos, de novo, o pensamento possível em Filosofia da Educação no Brasil, posto que a intensa produção anterior parecia, paradoxalmente, paralisar o pensamento, e mesmo impedi-lo. Neste artigo, procurarei exercitar o pensamento em torno das relações entre Filosofia e Educação motivado pela produção da filosofia francesa contemporânea, em especial pela obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

## Como pensar o diálogo entre Filosofia e Educação?

Filosofia e Educação caminham próximas desde as origens. Produzem aproximações, tangenciamentos, fugas, interpenetrações... Por alguns momentos se encontram, noutras se distanciam. Em certas ocasiões os encontros são amigáveis; noutras, conflituosos.

Filosofia e Educação caminham próximas desde as origens. Mas desde as origens que não se pode falar propriamente em Filosofia, mas em filosofias; também desde as origens que não seria de todo próprio se falar em Educação, mas em educações... De modo que os encontros, fugas, tangenciamentos e interpenetrações se dão em meio à diversidade: diversidade de filosofias, diversidade de concepções e práticas educativas.

Em meio a tais diversidades, trabalharei aqui o diálogo (ou diálogos...) da Filosofia com a Educação a partir de dois pressupostos, que desejo deixar claros desde já. O primeiro é o de tomar a filosofia como uma atividade, como prática. Desde que li *O que é a filosofia?*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, lançado na França em 1991, tenho adotado a noção de Filosofia como *criação de conceitos* como ferramenta básica de trabalho. Compreendida dessa forma, a Filosofia aparece necessariamente como ação e não como algo “sempre já presente”, como algo dado de antemão. Ela mostra-se como produção, como ato essencialmente criativo, e o filósofo como artesão, como um demiurgo que, da vivência cotidiana, produz seus conceitos como pequenas ou grandes obras de arte, que perdurarão por séculos ou mesmo milênios, admirados nas grandes galerias com renovado interesse, ou serão esquecidos nos porões desabitados, sendo consumidos e carcomidos pelo tempo, perdendo eficácia.

O segundo pressuposto é o de tomar a Educação como *área aberta*. Conhecemos o movimento pelo qual tem passado a área de educação de se tentar construir para ela um estatuto epistemológico próprio. O principal argumento em favor dessa especificidade epistemológica da educação, a meu ver, consiste em afirmar que a perspectiva educativa dá aos problemas uma característica que os diferencia dos demais. Em outras palavras, tentando simplificar um pouco as coisas: o *locus* educacional de um problema faz com que seja necessária para sua análise uma Filosofia da Educação, que não seria propriamente a Filosofia. O mesmo dar-se-ia com a Sociologia, com a História, com a Psicologia... E todas essas áreas encontrariam uma guarida comum, sob o teto epistemológico da Educação, que garantiria uma identidade própria, uma singularidade como campo de saber. Penso que este argumento está equivocado. Os problemas relativos à Educação são problemas como quaisquer outros: problemas, nada mais. Não seria o simples fato de estarem relacionados à Educação que fariam deles algo especialmente distinto. Se assim fosse, teríamos que admitir que qualquer adjetivação de um problema dar-lhe-ia uma condição especial e justificaria uma Filosofia de..., uma Sociologia de... etc., criando uma miríade de ciências e filosofias aplicadas, distintas entre si e compondo um rol de saberes com fundamento epistemológico próprio.

Penso que essa necessidade de encontrar um estatuto epistemológico da Educação nada mais é do que um eco do positivismo novecentista, que incutiu nas mentes a noção que só é possível a verdade se ela for científica. E como a Educação desejou ser verdadeira... Como ela desejou encontrar ou produzir suas próprias verdades, com autonomia (esse outro mito de uma modernidade perdida!) em relação a outros saberes! Como ela (claro que aqui me refiro a seus atores) desejou emancipar-se, encontrar a maioria,

mesmo que isso fosse feito através do exercício de uma racionalidade técnica que a despota ao infinito...

Contrário a esse movimento, prefiro ver na Educação uma área aberta. Uma “terra de ninguém”, que não tem especificidade nem se encontra mapeada e loteada, com “proprietários” dos saberes ali produzidos. Para dizer de outra forma, não consigo ver “especialistas em educação”... Prefiro a imagem da Educação como uma “terra de ninguém” povoada por forasteiros, que seriam os filósofos, cientistas, artistas que, com espírito aventureiro, dedicam-se a desbravar esta “terra incógnita”, de todos e de ninguém... Poderíamos também ver a Educação como aquilo que Deleuze e Guattari chamaram de **platô**: uma zona de intensidade contínua que, atravessada por vetores, transforma-se em territórios. Sendo uma área aberta, a Educação necessariamente abre-se para o diálogo e para a contribuição dos diferentes campos de saberes, sendo por eles potencializada e mutuamente potencializando-os.

É, pois, a partir de uma concepção de Filosofia como atividade de criação de conceitos e de uma concepção de Educação como platô, como área aberta, que procurarei pistas para diálogos possíveis entre elas, diálogos que sejam potencializadores, tanto da Filosofia quanto da Educação.

### **Contra a Filosofia da Educação como “reflexão sobre” a Educação**

Iniciei este texto com uma citação de Gilles Deleuze. Em *O que é a filosofia?*, ele e Félix Guattari fizeram o movimento de mostrar que, enquanto atividade, a filosofia não é nem contemplação nem diálogo nem reflexão, muito menos discussão. Com isso, puseram-se a destruir uma série de noções de filosofia que foram se

tornando senso comum na prática cotidiana da filosofia, sobretudo naquela ensinada nas escolas de todos os níveis. Nesse momento, me concentrarei na questão de tomar a Filosofia como reflexão, uma vez que ela apresenta uma interface óbvia com a Educação e com nosso tema.

Não são poucos os textos de Filosofia, em especial aqueles que se propõem a fazer uma introdução a esse campo de saberes, e mesmo os didáticos, que apresentam a apresentação como uma forma especial de reflexão. É por demais conhecida a afirmação de que a Filosofia é uma reflexão radical, rigorosa e totalizante sobre problemas que afligem a humanidade em sua tarefa cotidiana de dar conta de sua sobrevivência. Não uma reflexão qualquer, mas uma reflexão que busque a raiz do problema, para conhecê-lo em profundidade; que trabalhe o problema com o rigor do método; e que procure uma visão abrangente, vendo o problema não isolado do mundo, mas de forma globalizada e de conjunto, percebendo-o como parte em necessária relação com um todo. No caso de uma Filosofia da Educação, a transposição é imediata: ela seria uma reflexão radical, rigorosa e totalizante sobre problemas educacionais. Tal compreensão de Filosofia da Educação marcou época no Brasil, desde que Dermeval Saviani a sistematizou em seu livro *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, cuja primeira edição data de 1980.

Mas será que essa abordagem de fato define a Filosofia? Deleuze e Guattari estão convictos que não. Segundo eles, ela pode valer-se, e certamente se vale, da reflexão em sua atividade de criação de conceitos; mas não é a reflexão que faz com a Filosofia seja Filosofia. Por outro lado, a reflexão não pode ser encarada como algo específico dela: o matemático, o físico, o biólogo, o artista, o vendedor de pão não refletem? Então o que faria o filósofo de diferente e específico ao refletir? Abarcaria uma suposta totalidade que

o matemático, o físico, o biólogo, o artista ou o vendedor de pão não conseguem vislumbrar?

Além de não garantir a singularidade da Filosofia, a sua limitação ao ato de refletir a despotencializa como empreendimento criativo: se o filósofo limita-se a refletir, ele nada cria. É por isso que Deleuze já havia feito a crítica à Filosofia como “reflexão sobre” que vemos na epígrafe deste artigo. E se, em épocas difíceis para a produção, é verdade que a Filosofia refugia-se na “reflexão sobre”, também é verdade que é bastante comum que se encontrem definições de Filosofia da Educação como sendo uma “*reflexão filosófica sobre*” problemas educacionais... Nas épocas pobres, a Educação é mais uma vítima da Filosofia, desta Filosofia vampiresca que vive de forma parasita, sugando do outro uma energia e uma potência que nunca teve.

Se assumirmos a noção de Filosofia da Educação como “reflexão filosófica sobre problemas educacionais”, então caberia perguntar: mas não deve cada professor refletir sobre a Educação? Não deve cada educador refletir sobre a Educação? Não deve cada estudante refletir sobre a Educação? Não deve qualquer cidadão preocupado com sua sociedade refletir sobre a Educação? Por que apenas o filósofo refletiria sobre a Educação? Ou, se todos efetivamente refletem, o que resta ao filósofo? A reflexão radical rigorosa e totalizante? Mas o que é ela, de fato? Que radicalidade é esta, que totalidade é esta, que a separam de tudo o mais?

Compreender a interface, o diálogo da Filosofia com a Educação como uma “reflexão sobre” é despotencializador para ambas as partes. Para a Filosofia, que perde seu potencial criativo e para a Educação que, por sua vez, perde as boas contribuições que uma Filosofia como criação de conceitos poderia dar, além de, por outro lado, perder a possibilidade de refletir autonomamente sobre si mesma, sem o apoio de “muletas” como a Filosofia.

“Fazer o movimento”, escreveram Deleuze e Guattari. Possibilitar à Filosofia uma postura criativa, produtiva. Na sua relação com a Educação, não proceder como uma parasitose perversa, na qual uma se alimenta das parcas energias da outra, mas ao contrário, buscar possibilidades de fazer emergir o novo, para ambas e em ambas.

### **Contra a Filosofia como fundamento da Educação**

Outra concepção corrente do diálogo da Filosofia com a Educação, no Brasil, é a de tomar a primeira como fundamento da segunda. Não é por acaso que nos antigos e já quase extintos cursos médios de magistério, nas graduações em Pedagogia e nas diferentes licenciaturas, a disciplina (ou disciplinas) de Filosofia da Educação aparece(m) logo no início do curso. Entende-se que ela seja um dos “pilares” sobre os quais se erige qualquer saber educativo. E o mesmo se repete com a História, com a Sociologia, com a Psicologia...

Como age a Filosofia da Educação quando entendida como um fundamento da Educação? Em geral, busca resgatar conceitos produzidos ao longo da história da Filosofia para aplicá-los aos problemas relativos ao fenômeno educativo, procurando com isso construir (para ficar na metáfora arquitetônica) um saber educacional, que teria tais conceitos como base. Outra atitude recorrente é a do resgate daquilo que diferentes filósofos ao longo da história pensaram sobre Educação, subsidiando o pensamento nos dias de hoje. Na perspectiva de Deleuze, também essa atitude é despotencializadora, pois inibe a produção de novos conceitos, em lugar de estimulá-la.

“Não fazemos nada de positivo, mas também nada no domínio da crítica ou da história, quando nos contentamos em agitar velhos conceitos estereotipados como esqueletos destinados a intimidar toda criação, sem ver que os antigos filósofos, de que são emprestados, faziam o que já se queria impedir os modernos de fazer: eles criavam seus conceitos e não se contentavam em limpar, em raspar os ossos, como o crítico ou o historiador de nossa época. Mesmo a história da filosofia é inteiramente desinteressante, se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo” (Deleuze, 1992:109).

Parafraseando, eu afirmaria que nada faremos pela Educação, se nos limitarmos a repetir velhos conceitos fora de contexto, a raspar esses ossos como cães famintos... É preciso que a relação seja criativa e potencializadora, que os conceitos deslocados para o campo da Educação sejam novos conceitos, que produzam novas dimensões e cenários antes insuspeitos.

Não resta dúvida, porém, que a própria Filosofia forneceu as condições para ser tomada como fundamento da Educação, servindo ela mesma para “fundamentar” a noção da Filosofia e de outras áreas de saber como fundamentos da Educação. De certo forma, nos currículos de cursos de formação de professores essa noção acaba gerando um conflito com a noção anterior, pois ao se conceber a Filosofia como fundamento ela é alocada, como já disse, nos momentos iniciais dos cursos; por outro lado, solicita-se da Filosofia que exercite a “reflexão sobre” os fenômenos educacionais. Mas como praticar a reflexão sobre a Educação com os estudantes, se eles ainda não estão cientes dos fenômenos educativos? Fundamentar e refletir, eis o “pouco” que se solicita da Filosofia no processo de formação de educadores...

A noção mesma de fundamento implica no conceito de causalidade, na explicação da existência de algo pela ação imediata de outra. Nessa perspectiva, assume-se que a Educação depende desses sustentáculos para que possa existir; as próprias “ciências da educação” são decorrência deste *approach* de áreas de saber fundamentais com o campo educativo. Essa concepção fundacionista da Educação denuncia uma perspectiva metafísica. Essa área da Filosofia que, ao longo dos séculos, tornou-se uma forma de compreensão da própria Filosofia, buscou, desde Aristóteles, a “causa primeira”, o fundamento, a “razão de ser” de cada coisa. E com a Educação não foi diferente.

Mas pelo menos desde Nietzsche que a noção de *fundamento* está sob suspeita. O filósofo maldito da Basiléia aplicou suas marteladas sobre os ídolos e sobre os fundamentos todos, fornecendo as pistas para que se buscassem perspectivas de conhecimento que prescindissem da fundamentação, por considerá-la falsa, sobretudo por impedir a ação. Citarei aqui apenas um pequeno trecho da *Genealogia da Moral*, para ficar com um único exemplo dessa crítica mordaz de Nietzsche, tão presente ao longo de sua obra. Tomando o singelo exemplo do raio e do trovão e de como o saber popular relaciona um ao outro, como causa e efeito (ou fundamento de uma ação), ele aponta para o equívoco desta visão.

“Pois assim como o povo distingue o corisco do clarão, tomando este como ação, operação de um sujeito de nome corisco, do mesmo modo a moral do povo discrimina entre a força e as expressões da força, como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que fosse livre para expressar ou não a força. Mas não existe um tal substrato. Não existe “ser” por trás do fazer, do atuar, do devir; o “agente” é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo” (Nietzsche, 1998b:36).

A ação é tudo. Clara reação à metafísica aristotélica, uma das influências básicas da Filosofia ocidental, para a qual todo ato tem um fundamento, uma causa. Para Nietzsche, há apenas o ato e seus efeitos, sem causa ou “desculpa” sobre a qual se assentar. Mais que isso: a ilusão da causa, do fundamento, pode ser inibidora da própria ação.

De modo que, no caso de uma visão fundacionista da Educação, a Filosofia (ou qualquer das “ciências da educação”), mais do que um sólido pilar a sustentar a possibilidade do ato educativo, acaba por mostrar-se como um empecilho, uma trava a impedir que, de fato, o ato educativo se dê.

A ação é tudo, escreveu Nietzsche. No diálogo da Filosofia com a Educação, devemos buscar o ato, não a potência; devemos buscar uma perspectiva que possibilite que tanto uma quanto outra sejam produtivas e criativas. Só a esse preço o ato será efetivamente potencializador, gerador de novas potências, criativo.

### Por um diálogo transversal

Para um diálogo da Filosofia com a Educação de uma forma que ambas possam ser criativas, penso que elas devam assumir uma relação marcada pela *transversalidade*.

A noção de transversalidade atravessa a Filosofia francesa contemporânea, ao menos aquela de inspiração nietzscheana. Foucault, Deleuze, Guattari e outros assumem a necessidade de que a produção de saberes se dê através de atravessamentos dos mais distintos e diversos campos, e não esteja apenas circunscrita a um campo singular. Dessa forma, a produção dos saberes filosóficos não se dá apenas e tão somente no solo clássico da Filosofia, mas

ela deve alimentar-se, fecundar e ser fecundada, na medida em que transversaliza com outros campos: as artes, as diferentes ciências etc.

Penso que quem cunhou um conceito dos mais interessantes de transversalidade foi Félix Guattari, ainda nos anos sessenta do século vinte. O pensador e ativista francês, buscando produzir alternativas para as intenções e efeitos burgueses da psicanálise - seja a freudiana, seja a de seus seguidores, como Lacan, na França - visando uma perspectiva mais social, criou a chamada análise institucional. Nesse contexto, propôs substituir o conceito de *transferência*, central no processo analítico, pelo de *transversalidade*. Fez isso com a intenção de romper com uma hierarquia fundamental presente no conceito freudiano de transferência. Na relação analista-analisando, não resta dúvida de quem fala e quem ouve, não resta dúvida de quem interpreta, qual a direção dessa interpretação. As relações de poder e hierarquia aí postas ficam bem claras, para quem desejar ver (claro que há os que não o desejam!). Guattari buscou uma forma de romper com isso, tanto com uma hierarquia vertical das estruturas organizacionais quanto com uma hierarquia horizontal daqueles desvalidos que acabam se ajeitando a uma situação dada<sup>1</sup>.

O conceito de transversalidade permite uma relação de atravessamento na qual não há hierarquia, na qual as interações são mútuas e múltiplas. E pode ser facilmente transportado para a discussão sobre o conhecimento; não poucas vezes Foucault, Deleuze, Guattari definiram suas atividades de produção filosófica como transversais, mostrando sua interação e o atravessamento de múltiplos campos de saberes.

Neste contexto, a noção de fundamento já não faz sentido. A Filosofia não pode ser tomada como fundamento de nada, nem pode ser fundamentada por nada. Adeus, metafísica! No diálogo da

Filosofia com a Educação, são dois campos de saberes que se atravessam, desdobrando-se em múltiplas possibilidades, como um caleidoscópio que, a cada golpe de mão, faz surgir um novo quadro, novas possibilidades. Sem hierarquia, sem fundamento, com criatividade. Eis a possibilidade de diálogo e de interação que o conceito de transversalidade nos coloca.

Resgato agora a noção de Educação como área aberta colocada anteriormente. É como área aberta, como multiplicidade de referenciais que a Educação se mostra apta a uma relação transversal com a Filosofia e com outros saberes. E nessa relação de atravessamentos, a diversidade e a criatividade florescem.

A toda essa discussão, poder-se-ia objetar: qual a razão, qual o sentido do diálogo da Filosofia com a Educação, nessa perspectiva? Esse diálogo é necessário? Teria algo a acrescentar? Se a Filosofia não se presta a fundamentar a Educação ou a refletir sobre problemas educacionais, para que a filosofia na educação?

Tanto em *O que a filosofia?* quanto em textos anteriores, Deleuze frisou bem a questão: a Filosofia tem uma utilidade, que é a da produção de conceitos. A afirmação de que a Filosofia é inútil é uma bravata que muito poderia valer, como argumento impactante, nos tempos gregos, eivados de aristocracia. Mas mesmo ali ela era útil, sob sua elegante capa dourada de inutilidade. Se apenas ela produz conceitos, se os conceitos são uma forma de produzir o mundo, há uma singularidade da Filosofia e ela faz sentido.

Se para a Educação é importante a produção conceitual, está justificado seu diálogo com a Filosofia. Assim, a Filosofia como singularidade de campo de saberes atravessa o platô educação, que por sua vez assume a perspectiva de um “plano de imanência” do qual podem brotar conceitos filosóficos. Deleuze e Guattari mostraram que a Filosofia é necessariamente imanente; os conceitos são

criados a partir de um plano, que é um corte na multiplicidade, permitindo um solo firme para os conceitos. Em outras palavras, um conceito nunca é criado do nada. Ora, podemos compreender a Educação como um plano, um corte, a partir do qual conceitos poderão ser criados. Esses conceitos serão, necessariamente, produções ao nível da problemática educativa, dirão respeito aos problemas suscitados pela Educação.

Dessa forma, Filosofia e Educação, respeitadas as respectivas singularidades, são necessárias, uma como plano, outra como atividade de criação, para que seja possível a produção de conceitos que digam respeito à problemática específica da Educação. Não se produz conceito sobre problemas educativos sem a Filosofia, assim como não se faz filosofia sem uma problemática e um plano de imanência, que por exemplo a Educação pode fornecer.

Penso que assim fica justificada a necessidade do diálogo transversal da Filosofia com a Educação.

### Filosofia, Educação e paciência do conceito

Sintetizando, proponho então que compreendamos a Filosofia da Educação como um exercício da paciência do conceito, uma vez que o trabalho do conceito exige paciência. Mas um trabalho com conceitos a serem criados a partir de problemas educacionais, tomando o plano Educação como um plano de imanência.

Com Deleuze e Guattari aprendemos que o conceito é a instituição de um acontecimento; é a Filosofia que produz acontecimentos. Mas o conceito é um exercício de paciência, um investimento do pensamento sobre si mesmo, marcado pela materialidade de um plano de imanência. Ele – o conceito – é suscitado por pro-

blemas vividos na pele, sentidos com toda a intensidade. Mas os problemas não podem ser resolvidos de um golpe; é aí que entra em cena o trabalho com a paciência do conceito. Trabalho que envolve visitas aos filósofos, aos textos clássicos da história da Filosofia, aos conceitos já criados, não para tomá-los de forma acrítica, mas para recriar ou mesmo criar o novo, se o problema em questão assim o exigir.

Mas há ainda um segundo aspecto da paciência do conceito. A palavra grega *pathos* indica paixão, sensação. Poderíamos ainda falar em afetação. Isto é, os conceitos são como afetos, os conceitos nos afetam ou não, como uma música nos afeta ou não nos afeta. É o que Deleuze chamou de “pop-Filosofia” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 12) na qual não há nada a compreender ou a interpretar; uma Filosofia pode nos afetar ou não, e é tal afeto que possibilita ou não nossa adesão a uma determinada perspectiva filosófica.

Para a Filosofia da Educação, isso implica numa experiência com o afeto dos conceitos, a partir dos problemas educacionais. Em nossa investigação filosófica para tratar dos problemas equacionados a partir do plano de imanência da Educação, encontraremos conceitos que não nos afetarão; esses deverão ser descartados. E encontraremos conceitos que nos afetarão; esses serão trabalhados e rearticulados, com paciência, rumo a uma produção criativa.

Tendo iniciado este artigo com uma citação de Deleuze e Guattari, gostaria de deixar os leitores novamente na companhia dos autores franceses, quando colocam a questão da indiferença frente ao pensamento e de sua periculosidade.

“[...] pensar suscita a indiferença geral. E todavia não é falso dizer que é um exercício perigoso. É somente quando os perigos se tornam evidentes que a indiferença cessa, mas eles permane-



cem freqüentemente escondidos, pouco perceptíveis, inerentes à empresa” (Deleuze; Guattari, 1992:58).

Concluo, apostando que tenhamos a coragem de enfrentar os perigos de pensamento, ousando produzir uma Filosofia da Educação criativa, que não nos leve a paralisar o pensamento, mas a experimentá-lo em toda a sua intensidade.

**Resumen** O presente artigo propõe-se a repensar a Filosofia da Educação, a partir da noção de Filosofia proposta por Deleuze e Guattari, que a identificam como atividade de criação de conceitos. Critica as noções correntes no Brasil, que compreendem a Filosofia da Educação como “reflexão sobre problemas educacionais” ou como um dos “fundamentos da Educação”, propondo um diálogo transversal da Filosofia com a Educação.

### Palabras clave

Conceito; Criação; Deleuze e Guattari.

**Abstract** This paper proposes to rethink Philosophy of Education, starting from Deleuze and Guattari’s notion of Philosophy, as an activity of creation of concepts. This paper criticizes some Brazilian understandings of Philosophy of Education as a “reflection about educational problems” or as one of the “Education’s foundations”. Its conclusion appoints to a transversal dialogue between Philosophy and Education.

### Key Words

Concept; Creation; Deleuze and Guattari.

## NOTAS

1. Ver o ensaio de Guattari intitulado *A Transversalidade*. Em português, foi publicado em GUATTARI, Félix. *A Revolução Molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

## BIBLIOGRAFÍA

- DELEUZE, Gilles (1992) **Conversações**. Editora 34, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2001) **Diferença e Repetição**. Relógio D’Água, Lisboa.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1976) **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Imago, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1980) **Capitalisme et Schizophrénie: mille plateaux**. Les Éditions de Minuit, Paris (tradução brasileira: *Mil Platôs*. SP: Ed. 34, em 5 volumes).
- \_\_\_\_\_ (1992) **O que é Filosofia?** Editora 34, Rio de Janeiro.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire (1998) **Diálogos**. Escuta, São Paulo.
- GALLO, Sílvio (2003) **Deleuze & a Educação**. Autêntica, Belo Horizonte.
- GUATTARI, Félix (1985) **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. Brasiliense, 2ª ed., São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1988) **O Inconsciente Maquínico: ensaios de esquizo-análise**. Papyrus, Campinas.

\_\_\_\_\_ (1992) **Caosmose: um novo paradigma estético**. Editora 34, Rio de Janeiro.

GUATTARI, Félix; NEGRI, Toni (1985) **Les Nouveaux Espaces de Liberté**. Dominique Bedou, Paris.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely (1986) **Micropolítica: cartografias do desejo**. Vozes, Petrópolis.

NIETZSCHE, Friedrich (1998a) **A Gaia Ciência**. Relógio D'Água, Lisboa.

\_\_\_\_\_ (1998b) **Genealogia da Moral**. Cia das Letras, São Paulo.

SAVIANI, Dermeval (1989) **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Cortez, 9ª ed., São Paulo.